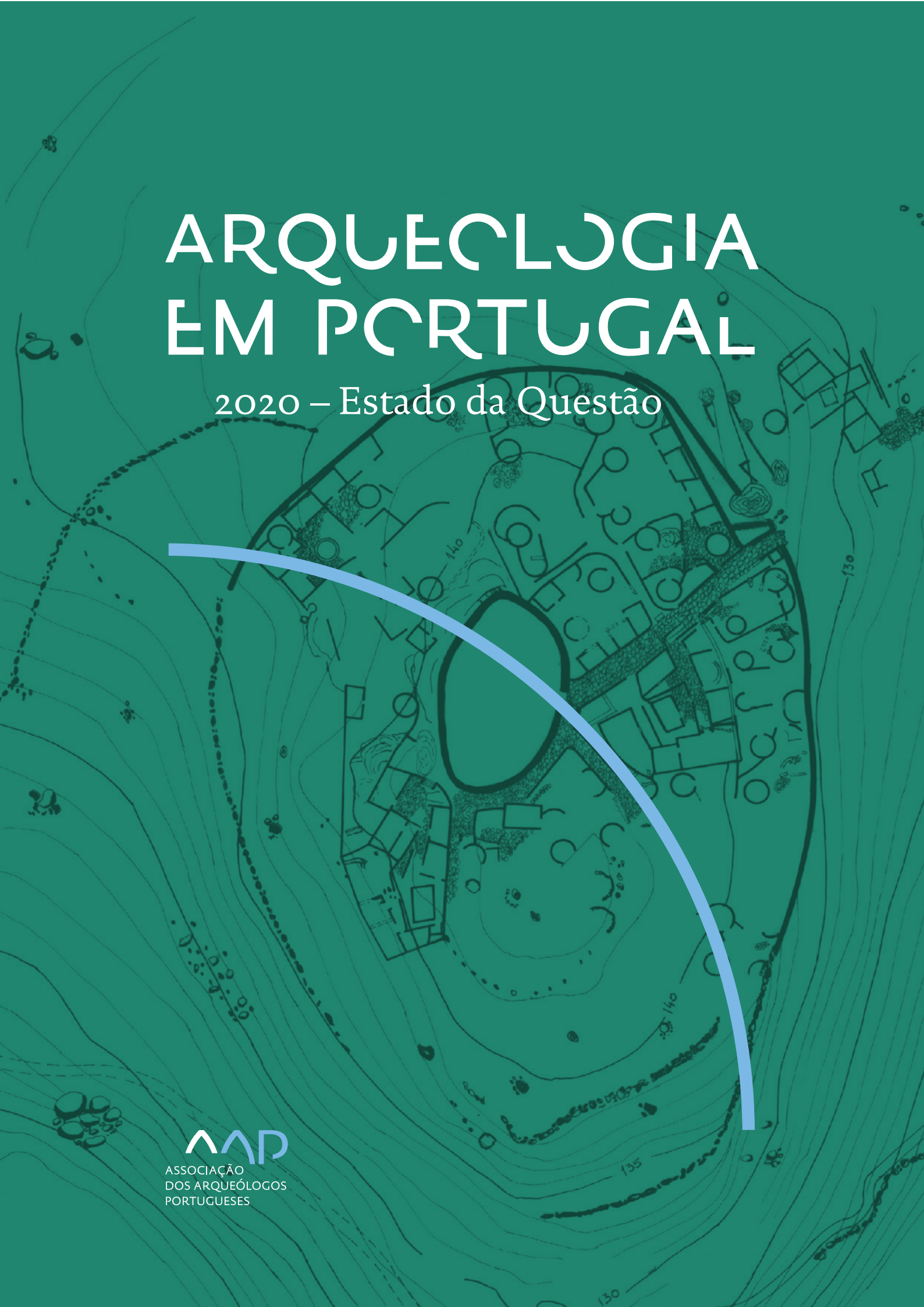
# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

## 2020 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES
MAC MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO
CITCEM CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA
FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
U.PORTO FLUP FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio
museu municipal de penafiel
250 PENAFIEL

# Índice

15 Prefácio
José Morais Arnaud

**1. Historiografia e Teoria**

17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)
Ana Cristina Martins

25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?
Rui Gomes Coelho

41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004
Vítor Oliveira Jorge

57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas
Filipa Dimas / Mariana Diniz

73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino
Catarina Costeira / Elsa Luís

85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal
Jacinta Bugalhão

101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins

115 *Os memoráveis*? A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*
Frederico Agosto / João Silva

129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

**2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património**

145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos

155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas
Tiago do Pereiro

165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro

179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco

189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalhido

203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek

223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis
Ana Cristina Ribeiro

237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos
Sónia Couto

251 Valpaços – uma nova carta arqueológica
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado

263 Arqueologia na Cidade de Peniche
Adriano Constantino / Luís Rendeiro

273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo
Cátia Neto

285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira

297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares

311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

**3. Didáctica da Arqueologia**

327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente
Alexandra Figueiredo / Claúdio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes

337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!
Ana Paula Almeida

351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico
Luís Serrão Gil

363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável
Mónica Rolo

377 "Conversa de Arqueólogos" – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia
Diogo Teixeira Dias

389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas

399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros

411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)
Rita Gaspar

421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado

427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes

431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático
Lídia Fernandes

447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também... O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia
Rita Pires dos Santos

459 O "Clã de Carenque", um projeto didático de arqueologia
Eduardo Gonzalez Rocha

469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos

481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

**4. Arte Rupestre**

497 Os inventários de arte rupestre em Portugal
Mila Simões de Abreu

513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo

523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry

537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa
Mário Reis

551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz

571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009
Mário Varela Gomes

599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
Daniela Cardoso

613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio

631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S

645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

**5. Pré-História**

661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González

677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González

693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão

703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG
Daniela Maio

715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos

733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves

745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I
Michelle Teixeira Santos

757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo
Jorge de Oliveira

771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves

783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo
Maria de Jesus Sanches

797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício

823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão

837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
César Neves

857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa

873 Stresse infantil, morbilidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/ Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos

899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes

913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território
João Muralha Cardoso

925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud

943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud

959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem
Rafael Lima

971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

**6. Proto-História**

987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal

1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves

1015 O *Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix

1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra

1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares

1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá

1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde
Rui Pinheiro

1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva

1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá

1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual
Telma Susana O. Ribeiro

1141 A cividade de Bagunte. O estado atual da investigação
Pedro Brochado de Almeida

1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado
Nuno Oliveira / Cristina Seoane

1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro
Daniela Ferreira

1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional
Francisco B. Gomes

**7. Antiguidade Clássica e Tardia**

1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi

1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz

1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins

1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves
José Carvalho

1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira

1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica
Lara Fernandes / Manuela Martins

1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench

1277 "Casa Romana" do Castro de São Domingos (Cristelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização
Paulo André de P. Lemos

1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)
Rui Ramos

1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização
Diego Barrios Rodríguez

1323 Um almofariz centro-itálico na foz do Mondego
Marco Penajoia

1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso

1347 O contexto funerário do sector da "necrópole NO" da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa): o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro, Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso

1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar
Gisela Encarnação / Vanessa Dias

1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir de um estudo de caso
Filipe Sousa / Catarina Felício

1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termais de *Mirobriga* (Santiago do Cacém)
Catarina Felício / Filipe Sousa

1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária
Vítor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia

1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes

1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho

1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016
Laura Sousa / Teresa Soeiro

1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro / Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso

1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica

1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus (Vila Nova de Gaia)
Joaquim Filipe Ramos

1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes

**8. Época Medieval**

1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional "português": algumas evidências e incógnitas
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio / Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Ana Sofia Gomes

1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média
Rosa Varela Gomes

1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII
José Rui Santos

1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos

1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica
Andreia Filipa Moreira Rodrigues

1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de "sunken featured buildings", nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos

1585 O nordeste transmontano nos alvores da Idade média. Notas para reflexão
Ana Maria da Costa Oliveira

1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira

1619 *"Portucalem Castrum Novum"* entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)
João Luís Veloso

1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela
Manuel Luís Real / Catarina Tente

1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense
Susana Temudo

1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal
Ana Lema Seabra

1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média
Pedro Azevedo

1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira

1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
Florbela Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa

1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva

1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

**9. Época Moderna e Contemporânea**

1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira

1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa
Martim Lopes / Tomás Mesquita

1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão

1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos (Lisboa)
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva

1775 *«Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta»*. Estudo de Cachimbos provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe

1787 Cachimbos de Barro Caulínitico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro

1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)
Carlos Boavida

1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana de Lisboa (anéis, braceletes e contas)
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes

1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa
Jéssica Iglésias

1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho
Alexandra Vieira

1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI
Eva Pires

1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa

1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto

1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos
Hugo Silva / Filipe Oliveira

1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha do Alferes, Seixal (século XVI)
Mariana Nunes Ferreira

1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos

1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures
Paulo Calaveira / Martim Lopes

1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa de Época Moderna
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain

1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos humanos recuperados
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães

1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica na Rua da Vitória nº 15 a 17
Tiago Pereira / Vanessa Filipe

1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna
Ana Rosa

1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez

2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia
Francisco Raimundo

2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges

2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira

2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira

2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado

2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva

2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristovão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva

2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad

2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico
Xurxo Ayán Vila / José Mª. Señorán Martín

DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25-1/arqa73

# O *CASTRO DO MURO* (VANDOMA/ BALTAR, PAREDES). NOTAS PARA UMA BIOGRAFIA DE OCUPAÇÃO DA IDADE DO BRONZE À IDADE MÉDIA

**Maria Antónia D. Silva[1], Ana M. S. Bettencourt[2], António Manuel S. P. Silva[3], Natália Félix[4]**

RESUMO

Com o presente trabalho pretende-se fazer uma atualização dos conhecimentos relativos à ocupação humana do "Castro do Muro" desde a Idade do Bronze à Idade Média.

Este local tem significativa tradição na literatura arqueológica pela presença de um imponente circuito muralhado, cuja largura oscila entre 3,5 a 4 metros, e com um perímetro de 3,927 metros, dentro do qual foi edificado um importante povoado que emerge durante a Idade do Bronze Final e se prolonga até à Idade do Ferro Antigo. No local ocorreram, ainda ocupação romana, um provável castelo roqueiro e um mosteiro medieval, como atestam os materiais cerâmicos, líticos e metálicos recolhidos em trabalhos arqueológicos e achados de superfície.

**Palavras-chave:** Norte de Portugal, Paredes, Serra do Muro, Bronze Final, Povoado fortificado.

ABSTRACT

This work intends to update the knowledge related to the human occupation of "Castro do Muro" from the Bronze Age to the Middle Ages.

This place has a significant tradition in archaeological literature due to the presence of an imposing walled circuit, whose width oscillates between 3.5 to 4 meters and a perimeter of 3.927 meters, within which was built an important settlement that emerged during the Late Bronze Age and extends to the Old Iron Age. There was also a Roman occupation, a probable rock castle and a medieval monastery, as attested by the ceramic, lithic and metallic materials collected in archaeological works and surface findings.

**Keywords**: Northern Portugal, Paredes, Serra do Muro, Late Bronze Age, Walled settlement.

## 1. INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico *biografado* neste texto ocorre na bibliografia com várias designações. Popularizado na década de 1960 como "recinto fortificado de Baltar" "monte ou serra do Muro", ou ainda "de Vandoma" ou "do Facho" (Silva, 1963), foi inventariado como castro do (monte ou serra) do Muro na listagem dos povoados proto-históricos do noroeste de Portugal (Silva, 1986, p. 85), designação que é a mais conhecida localmente (a par de "serra do Cruzeiro") e que por isso adotámos.

Localiza-se o "*castro* do Muro", no concelho de Paredes, distrito do Porto, pertencendo a sua maior parte à freguesia de Vandoma e a restante à de Baltar (Figura 1). A elevação onde se situa, com uma altitude máxima de 519 metros, corresponde a um relevo residual que emerge entre as sub-bacias dos rios Sousa

1. Arqueóloga. Município de Paredes; arqueologia@cm-paredes.pt

2. Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT); Departamento de História da Universidade do Minho, Braga; anabett@uaum.uminho.pt

3. CITCEM – Universidade do Porto; amspsilva@hotmail.com

4. Geóloga. Município de Paredes; natalia.felix@cm-paredes.pt

e Ferreira, afluentes da margem direita do Douro.
Observando a litologia da área onde se implanta esta estação arqueológica na Carta Geológica, à escala 1/50000 (folha 9-D, Penafiel), verifica-se que é constituída, na sua maioria, por granitos porfiroides, de grão grosseiro e duas micas, essencialmente biotíticos, que se apresentam degradados, em resultado da intensa fraturação que os afetou, mostrando tonalidade cinzento-acastanhada, por vezes manchada de negro devido à presença de biotite. Esta rocha revela na região um grão bastante grosseiro e estrutura claramente porfiroide, com os fenocristais (megacristais) de feldspato bem desenvolvidos numa matriz mais fina. Evidencia-se ainda a presença de massas ou filões aplíticos e aplito-pegmatíticos, que preenchem fraturas com orientação NE-SW (Medeiros, Pereira & Moreira, 1980).
Numa área próxima, verificam-se mineralizações de estanho, ouro e prata que podem ter sido de particular relevância na história da ocupação humana deste relevo. A cerca de dois a três quilómetros para noroeste, ocorrem as minas de estanho da Rebordosa. A cerca de cinco quilómetros para sul, registam-se as mineralizações de ouro de Castromil, associadas a um filão aplítico encaixado no contacto entre o granito porfiroide de duas micas e as rochas metassedimentares (xistos negros) do Silúrico; e na mesma direção, a uma distância de cerca de oito a dez quilómetros, no flanco oriental do Anticlinal de Valongo, surgem mineralizações de chumbo nos "Xistos de Valongo" e importantes jazidas de ouro (muitas vezes com prata e chumbo associados) encaixadas nas alternâncias de quartzitos e xistos do Arenig (Couto, 1993, p. 607) .
A formação orográfica da "serra do Muro", de orientação NE-SO, tem uma extensão aproximada de 1 900 metros (Figura 2). Caracteriza-se por uma plataforma de terrenos férteis e por declives acentuados, com 519 metros de altitude máxima no vértice geodésico de Vandoma[5]. A sua implantação proporciona que dos pontos mais elevados se possa visibilizar, a 360º, um horizonte de grande alcance, incluindo a orla marítima.

5. As coordenadas geográficas de um ponto central são 41.200077/-8.391158 (WGS84). Na base de dados oficial (Portal do Arqueólogo) o sítio arqueológico surge, desnecessariamente, duplicado, com os números de CNS 3505 e 6586 (https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios).

Neste local concentram-se vestígios materiais de antropização que remontam, pelo menos, ao Calcolítico, no terceiro milénio antes da nossa era, prolongando-se pela proto-história e períodos históricos subsequentes. A evidência arqueológica mais expressiva, a ponto de servir de designação orográfica, é o largo *Muro*, construído com largos blocos de granito, que visualmente se impõe em torno da elevação. O sítio foi objeto de trabalhos arqueológicos desde os finais do século passado, sempre em contexto de minimização de impactes, uma vez que se encontra classificado, com a designação de "Castro do Muro de Vandoma", como Imóvel de Interesse Público, desde 1993[6]. Registam-se, assim, pequenas sondagens de avaliação dirigidas por técnicos da administração regional do património cultural, em 1990[7], e pelos serviços de arqueologia do Município (Silva, 2006), que não lograram a identificação de quaisquer estruturas ou depósitos arqueológicos. No âmbito de um estudo de impacte ambiental (Pereira, 2006), foram feitas prospeções que conduziram à recolha de materiais, mas a maior parte do espólio conhecido procede de ações de reconhecimento e prospeção realizadas, em várias alturas, pelos serviços municipais de arqueologia ou de achados avulsos, feitos nomeadamente em consequência de incêndios ou revolvimentos do solo ligados a trabalhos de florestação[8] (Figura 3).

## 2. AS PRIMEIRAS OCUPAÇÕES HUMANAS

Não obstante as dificuldades que decorrem da atribuição de cronologias a artefactos arqueológicos provenientes de achados de superfície, sem contexto, podemos situar na pré-história recente as primeiras

6. Decreto n.º 45/93, *DR*, 1.ª Série-B, n.º 280, de 30 novembro 1993.

7. Trabalhos dirigidos por Lino T. Dias e António Baptista Lopes, dos quais não se conhece qualquer relatório ou outra publicação.

8. Trabalhos ilegais, face ao estatuto patrimonial do monte do Muro, mas que certos proprietários, desinformados, levam a cabo sem a devida comunicação prévia às autoridades administrativas. Recentemente (jan. 2019), na sequência de trabalhos de ripagem para plantio de eucaliptos foi recolhida à superfície, na encosta a norte/nordeste do topo do monte, apreciável quantidade de materiais cerâmicos, líticos e metálicos, parte dos quais se noticiam neste trabalho. Agradecemos a Filipe Silva e a Cristiano Teixeira, responsáveis por esta recolha, a cedência para estudo destes materiais.

evidências de antropização deste relevo. Nesse âmbito temporal podemos situar a ocorrência superficial de um pequeno machado em pedra polida, de gume simétrico, medindo cerca de 8,6 cm de comprimento por 2,6 de secção máxima, ilustrado num estudo de impacte ambiental, sem que seja identificado o local preciso do achado (Pereira, 2006, p. 7). No Museu de Arte Sacra e Arqueologia do Museu do Seminário Maior do Porto encontram-se depositados seis machados em pedra polida, recolhidos por D. Domingos de Pinho Brandão no Castro do Muro, sem que se conheçam o local ou as condições.

Outros materiais recolhidos no Muro apontam, com maior segurança, para um horizonte calcolítico, nomeadamente um braçal de arqueiro e uma ponta de seta de tipo Palmela. O primeiro foi recolhido à superfície, numa plataforma do topo da vertente noroeste, próximo da sondagem arqueológica de 1990 a que fizemos referência[9]; a ponta de tipo Palmela, encontrada recentemente na vertente norte (a 295 m do ponto mais alto), na sequência de movimentações de terras para plantio, pode descrever-se como uma peça de folha sub-ovalada, provavelmente em cobre, com os contornos irregulares por corrosão, mas apresentando o espigão completo; mede 8,5 cm de comprimento por 2,2 cm de largura máxima, com 14 g de peso (Fig.5, nº 12). Estas peças, nomeadamente a ponta de seta, podem indiciar a proximidade de contextos funerários, tendo em conta que são artefactos comuns no âmbito de diferentes práticas sepulcrais deste período no Norte de Portugal, desde reutilizações de monumentos megalíticos, a monumentos de tradição megalítica (Bettencourt, 2013a, pp. 25, 240).

## 3. A OCUPAÇÃO DO BRONZE FINAL

Deixando de lado, por ora, a discussão sobre outras estruturas antigas conservadas no atual recinto do Castro do Muro, importa destacar um acervo de materiais arqueológicos já relativamente significativo e que inclui cerâmicas, metais e líticos, todos provenientes, não é de mais sublinhar, de recolhas de superfície em momentos diversos.

O conjunto cerâmico que, globalmente, inserimos neste horizonte cultural (podendo, provavelmente, avançar para os primeiros séculos da Idade do Ferro), integra cerca de 200 fragmentos, na sua maioria muito pequenos e de difícil caracterização. É composto essencialmente por cerâmica doméstica, de fabrico manual, com pastas arenosas e texturas variáveis, de finas a grosseiras; apresenta coloração que alterna entre os tons castanhos e cinzentos, indiciando cozedura redutora, e observam-se acabamentos alisados, polidos e *vassourados*.

As dimensões médias dos fragmentos dificultam o reconhecimento de formas, para além de diversos bordos e fundos planos de recipientes e uma asa de rolo, de secção circular. Ainda assim, pudemos identificar uma taça carenada (Figura 4, nº 2), alguns potes e potinhos/púcaros, formalmente assimiláveis, respetivamente, aos tipos 1, 2, 10 e 12, da tabela de formas de A. Bettencourt (1999, III, pp. 1039ss.; 2000b, pp. 13-20) (Figura 4, nº 8-10).

Um dos potes é decorado com uma fiada de impressões no início da pança e no interior do bordo (Figura 4, nº3); um dos potinhos apresenta no colo e início da pança, uma banda horizontal, incisa, com composição geométrica de linhas retilíneas oblíquas e triangulares (Figura 4, nº 1). Dois bordos de lábios planos, apresentam impressões na parte superior, com paralelo próximo, por exemplo, em peças do povoado de São Julião, Vila Verde (Bettencourt 2000a, pp. 114, 121) (Figura 4, nº 4). Dos fragmentos de recipientes, de forma indeterminada, que exibem decoração (Figura 4, 5-7), destaca-se um, ornamentado por cordões plásticos com incisões oblongas e, em especial, outro fragmento, de pasta mais depurada e melhor acabamento, com decoração *grafitada* geométrica, de linhas retilíneas, formando losango, correspondendo à olaria tipo Baiões e com um padrão decorativo variante do tipo A1, números 4 e 5, da tabela de motivos de A. F. Silva (1986, Est. LXV).

De um modo geral, este conjunto de materiais cerâmicos encontra paralelos seguros em povoados do Bronze Final do Noroeste de Portugal, datados de entre os séculos X e VIII/VI cal. AC., nomeadamente São Julião (Martins, 1988; Bettencourt, 2000a) e Barbudo, em Vila Verde (Martins, 1989); Santinha, em Amares (Bettencourt, 2001) ou Cabanas, em Braga (Bettencourt, 2000b). Para as cerâmicas de tipo Baiões, melhor conhecidas na Beira Alta, é muito difícil apontar indicadores estilísticos ou cronológicos, já pelo escasso número de fragmentos identificados em Vandoma, já porque os trabalhos mais recentes sobre aquele horizonte olárico, não só

9. O achado foi presenciado por M. A. S., colaboradora voluntária daqueles trabalhos, desconhecendo-se o seu paradeiro atual.

sublinham a coexistência de vários *facies* regionais e especificidades locais nos motivos e organizações decorativas, como também não permitem afinar cronologias, dentro de uma longa sequência que se estende entre os séculos XIV e VI a.C. (Reprezas, 2010, pp. 33-5; Senna-Martinez, 2013).

No que respeita aos utensílios líticos – se bem que considerando as dificuldade de datação – devem mencionar-se, além dos machados em pedra polida, de diferentes tamanhos, já citados, fragmentos do que poderão ter sido enxós, goivas ou polidores. A estes artefactos acrescem vários moinhos dormentes, do tipo vaivém, em granito de grão fino, de contorno ovalar, secção plano-convexa e configuração barquiforme (Bettencourt 2000a, pp. 115, 121), apresentando algumas destas mós um visível polimento, resultado de uso intensivo. Destaca-se ainda o aparecimento de um cossoiro liso, feito em rocha xistenta, de contorno subcircular e secção retangular, com orifício descentrado, peça relacionada com a atividade de fiação (Figura 5, nº 17).

Mais reveladores serão, porventura, os materiais metálicos provenientes do sítio arqueológico. Além da importante ponta de lança de alvado, em bronze, que recentemente publicámos (Silva *& alii*, 2018), achados feitos por moradores locais, fora do recinto do castro, trouxeram ao nosso conhecimento vários objetos (Figura 5) de que aqui damos nota necessariamente sumária:

a) punhal de tipo Porto de Mós, em bronze, de secção biconvexa, com lâmina de faces simétricas, nervura central acentuada, contornada por uma linha incisa longitudinal; apresenta o espigão de fixação do cabo fraturado, com dois orifícios para apreensão. Mede 14,4 cm de comprimento, 2,4 cm de largura e 0,5 cm de espessura, pesando 38 g. Apesar de fraturado, encontra-se em relativo bom estado de conservação (Figura 5, nº 11);

b) aro fechado, em bronze, maciço, de secção subcircular, medindo 3,6 cm de diâmetro e 0,2 cm de espessura, com um peso de 2 g (Figura 5, nº 15);

c) pendente em bronze, em forma de sanguessuga, de perfil lunular, secção ovalada, com as extremidades adelgaçadas e a parte central acusando desgaste pelo interior. Mede 2,3 cm de altura, 0,8 cm de largura e tem 11 g de peso (Figura 5, nº 13);

d) uma argolinha em ouro, provavelmente de colar; encontra-se amassada, exibindo contorno circular e orifício central com 0,5 cm de diâmetro (Figura 5, nº 16);

e) fragmento de escória de fundição, ainda não analisado, com oxidação superficial em tons de verde.

f) fragmento de fíbula, em bronze, de tipo Acebuchal/Ponte 9. Este objeto caracteriza-se por um aro de fita, com corrosão nas extremidades, decorado com finas caneluras longitudinais no dorso. Mede 3,1 cm de comprimento, tem 1,1 cm de largura máxima, 0,2 cm de espessura e 2 g de peso (Fig.5, nº 14).

Em breve comentário, destacamos o punhal tipo Porto de Mós e a sanguessuga. Os punhais deste tipo, de expressão suprarregional, ocorrem em vários locais (Silva, 2007, pp. 254-5), com uma cronologia maioritária dentro do último quartel do segundo milénio a.C. ou um pouco posterior. Tal sucede, em particular, na região centro, com os exemplares dos povoados de Monte do Frade, Penamacor, datado de entre os séculos XIII e X cal. AC (Vilaça, 1995, p. 141; 2008, p. 140) ou da Moreirinha, Idanha-a-Nova, datados de entre os séculos XIII ao IX cal. AC (Vilaça, 1995, p. 2271; 2008, pp. 138-9). Já no Sudoeste peninsular, recorde-se a sua presença no suposto depósito da Ria de Huelva, datado de entre os séculos XII e IX cal. AC (Almagro-Gorbea, 1977; Ruiz-Gálvez Priego, 1995). Um pouco mais recentes poderão ser o contexto das peças de S. Julião, Vila Verde, enquadrado no séc. IX AC (Martins, 1988,est. XXVIII); a cronologia dos objetos do Perrinho, Vale de Cambra, datados entre os sécs X e IX (Coffyn, 1983; 1985; Bottaini & Rodrigues, 2011) e, ainda mais avançado, o de Torroso (Mós, Pontevedra), situado entre o séc. VIII e o séc. VI cal. AC (Peña Santos, 1992). As sanguessugas, talvez um pouco mais raras e parecendo ocorrer essencialmente no Cento-Norte e Norte da Península Ibérica, apresentam, nos contextos datados, cronologias igualmente amplas e similares às dos punhais, podendo elencar-se, entre outros e como exemplo das datações mais díspares, as peças do depósito de San Esteban del rio Sil, Ourense, datado de entre os meados do século XIII a inícios do IX cal. AC (Coffyn, 1985, pp. 201-2; Rovira, 1995, p. 52; Ruiz-Gálvez Priego, 1995, pp. 81-2; Ferrer *& alii*, 1997, pp. 73-4); do povoado de Torroso, Pontevedra, com início no séc. VIII e término entre o VII e VI cal. AC (Peña Santos, 1988; 1992), ou do Coto da Pena, Caminha, povoado de cronologia mais antiga

mas onde estas peças são datadas entre 700 e 500 a.C. (Silva, 2007, p. 266).

A fíbula de tipo Acebuchal emerge, igualmente, nos finais do Bronze Final do norte de Portugal, com ocorrências no Coto da Pena, Caminha (Silva, 1986) e na Fraga dos Corvos, Macedo de Cavaleiros (Senna-Martínez, 2013). Ponte (2006, pp. 135-44), coloca-as entre os séculos VIII e VI a.C, datas que Bettencourt (2005) considera corresponderem ao término desse período na região.

Este conjunto de elementos sugere que a comunidade que aqui se instalou durante o Bronze Final, praticando a agricultura (como se infere pela abundância de moinhos) e provavelmente a metalurgia (atendendo à presença de escórias), pode ter tido nas atividades de extração e controlo da circulação do metal, razão substancial para a escolha deste local. Admitindo esta possibilidade, e a eventual afirmação e maior visibilidade do sítio em função desta especialização, tal poderia ajudar a explicar o intercâmbio suprarregional comprovado pela cerâmica de tipo Baiões e de artefactos de ampla expressão geográfica, como os punhais de tipo Porto de Mós.

É ainda provável que a pressão fenícia no litoral, a partir do séc. IX cal. AC, tenha potenciado a necessidade de ostentação de poder e de capacidade de defesa por parte de algumas populações com controlo de recursos importantes. Assim, o processo de delimitação física ou amuralhamento correspondente a este período de ocupação[10] poderá associar-se a processos assimétricos de expressão de identidade e poder (Bettencourt, 2013b), nesse caso de um *locus* com eventual controlo de recursos mineiros (ouro, estanho, chumbo), da sua manufatura (atestada pela existência de escórias) e das vias fluviais de intercâmbio regional. Por fim, o depósito de uma ponta de lança na Gralheira, Baltar, a meio da vertente este deste importante monte, a 250 metros em linha reta da muralha do povoado (Silva *& alii*, 2018), é concorde com a hipótese, defendida por R. Vilaça (2007, pp. 42-6), de que estes depósitos poderiam assinalar as fronteiras destes locais excecionais.

10. Que, globalmente, não relacionamos com a totalidade do circuito fortificado visível – como adiante se verá – mas admitimos que possa coincidir em alguns tramos; podendo, pelo contrário, corresponder aos taludes visíveis noutros pontos do monte, questão que só uma escavação poderá esclarecer.

## 4. OCUPAÇÃO DA IDADE DO FERRO

Ocorrem no Muro alguns fragmentos de cerâmica, de fabrico manual, com cozeduras redutoras e pastas argilosas com *e.n.p.* de moscovite mal calibrada, que podem sugerir a continuidade da ocupação deste local, pelo menos, ao longo dos inícios da Idade do Ferro, momento em que este tipo de pastas ocorre em S. Julião (Bettencourt, 2000a, pp. 124-5). Por outro lado, a presença de cerâmica com decorações plásticas, sob a forma de cordões com impressões – como também ocorrem no Muro – é assinalada com frequência neste período, nos primórdios da Idade do Ferro Antiga ou em momento mais avançado (Bettencourt, 2005, p. 26).

Pode ser ainda enquadrada na Idade do Ferro a descoberta de um fragmento arquitetónico decorado, em granito de grão fino, classificado como parte de um tríscele por Calo Lourido (1994, pp. 626-8). Embora a atribuição desta peça (presentemente conservada nos Serviços de Arqueologia do Município de Paredes) ao Castro do Muro seja genérica e não se conheça o local ou as condições do achado, a sua importância advém de apontar para uma cronologia significativamente mais avançada dentro da Idade do Ferro, compatível com um castro ou citânia romanizados de que, aparentemente, não se descortinam vestígios naquele sítio.

Almeida viu no Muro "um antigo castro com muralhas de terra, ainda hoje bem visíveis no lado Norte" (1980, p. 16), sendo a sua tipificação como "castro" do Ferro partilhada por outros autores (Silva, 1986, p. 85; Calo, 1994, p. 627; Queiroga, 2003, pp. 169-70). A escassez de informação não permite considerações mais detalhadas sobre o povoado nesta fase; todavia, A. C. Ferreira da Silva, em análise de âmbito regional (Silva, 2000; 2007; 2011; 2013), tem lançado interessantes pistas interpretativas sobre o Muro, que nos limitaremos a elencar, pois a sua discussão ultrapassa este texto.

Este investigador começou por enquadrar o castro de Vandoma na organização territorial dos *Callaeci* pré-romanos, propondo que poderia ter sido um povoado especializado na exploração mineira, sendo *Cale* (Porto) o *port of trade* comercial e a Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), centro agro-pecuário e, simultaneamente, o povoado dotado de capitalidade política (Silva, 2000, pp. 100-1). Na mesma perspetiva, o Muro teria sido um "lugar central",

avançando-se até a possibilidade de ter disposto de um balneário (Silva, 2007, pp. 25, 137).
Mais recentemente, o mesmo autor privilegiou a pesquisa étnico-linguística, tendo como referente os mitos e tradições de origem indoeuropeia do mundo celta. Armando Coelho propôs, assim, uma distribuição territorial dos povos indígenas pré-romanos do curso terminal do Douro numa "quadripartição em cinco secções" (os Danigom a sudeste; Calaicos a sudoeste; Madequisenses a noroeste e Fidueneas, a nordeste), sendo *Bandoma*, sensivelmente no centro geográfico destes *populi*, o seu centro religioso, significando aquele topónimo, originalmente, "casa de deus" e a divindade equiparada a *Calaecia* (Silva, 2011, p. 22). Com esta tese, assente em paralelos étnicos e históricos da Irlanda, Armando Coelho avança até para a interpretação de um grande cruciforme gravado num afloramento próximo do castro como hipotética representação simbólica daquela distribuição de povos (Silva, 2013, p. 45).

## 5. ÉPOCA ROMANA

A ocupação do Muro durante a época romana, ou na tardo-antiguidade, intui-se pelo frequente achado de fragmentos de material de construção, designadamente *tegulae* e *imbrice*s, que ocorrem em particular na parte nascente e na vertente sudeste do castro, no interior do recinto murado. Como é habitual, em especial em contextos tardios, estes materiais cerâmicos exibem pastas, coloração e cozedura muito diversas, bem como tipologias distintas, pela variedade da forma do rebordo e da espessura. A par destes materiais, encontrou-se um peso de tear, em barro, de configuração paralelepipédica, com vestígios de decoração, ou marca, em relevo, numa das faces, tendo 10,5 cm de altura por 6,5 cm de largura.
Uma epígrafe latina, hoje desaparecida, é dada como proveniente do castro. Trata-se de uma provável ara, dedicada por um habitante local a *Nabiae* (*CIL*, II, nº 2378; Vasconcelos, 1905, p. 277), uma divindade lusitano-galaica relacionada talvez com os vales e as zonas húmidas (Redentor, 2017, I, pp. 603-8; II, pp. 36-7).
Na envolvência próxima do Muro conhecem-se outros sítios de época romana, como uma necrópole localizada a meio da sua vertente oeste (Silva, 1992), e outras duas situadas no sopé da vertente sul, já na freguesia de Baltar, estas datadas do século III (Soeiro, 1988-89). Por outro lado, sublinhe-se, o Muro posiciona-se geograficamente numa importante relação com as vias de circulação terrestre que estabeleciam ligação do litoral para o interior, entre *Cale* e *Tongobriga*, bem como, em direção ao Douro, passando por Castromil e Banjas, áreas de intensa exploração de ouro, em época romana (Silva & Félix, 2008; Lima *& alii*, 2011).

## 6. DA IDADE MÉDIA AOS TEMPOS MODERNOS

O Muro de Vandoma é identificado num documento do ano de 985 como *mons Bendoma*,[11] designação que se repete em muitos documentos dos séculos XI e XII, por vezes com variantes como *Benidoma* (em 1077, 1102, etc.) ou *Bendome*, em 1168 (Mariani, 2020b, pp. 210-2; 739-41). O referente geográfico "*subtus mons*", utilizado na diplomática medieval para a localização de propriedades, é considerado como alusão a um centro de poder político-militar, genericamente, um castelo, independentemente da sua arquitetura (Almeida, 1978, pp. 25-7; 1992, pp. 372-3; Barroca, 2004, p. 189; 2017, pp. 204-6), se bem que esta interpretação mereça discussão (Lima, 1993, pp. 18-9; 2004, pp. 320-3; Marques, 2008, pp. 147-51; Mariani, 2020a; 2020b, pp. 621-4). Todavia, documentos datados de 1071 e 1110 explicitam a natureza fortificada da mesma elevação com o apelativo *Castro Bendoma* (Mariani, 2020b, pp. 739-40).
Todos estes autores não duvidam, porém, em qualificar a Vandoma como um castelo. Até ao terceiro quartel do século XI, estava inserido no *território* de Anegia, e terá desempenhado um papel fundamental no "*encastelamento*", para defesa do território e refúgio das populações, servindo ainda a defesa do mosteiro de Cete (Almeida, 1980; Lima, 2008, p. 187). Para além do extenso muro perimetral que caracteriza o sítio, poderão constituir indícios materiais da fortificação alguns cortes de aparência retangular, e várias cavidades de configuração circular, visíveis no conjunto de afloramentos graníticos existente no topo, que poderão ter servido para encaixe ou assentamento de estruturas de madeira. Num destes penedos identificámos gravado um pequeno cruciforme. Vários estudiosos interpretam o Muro como um castro da Idade do Ferro que foi reutilizado, como fortificação, na Alta Idade Média (Al-

11. *Portugalia Monumenta Historica. Diplomata et Chartae*, nº 146.

meida, 1980; Calo, 1994, II, p. 627; Mariani, 2020b, pp. 211-2), e este último considera mesmo a hipótese do seu abandono em finais do século X, entendendo que as referências documentais posteriores, mormente as que o designam como *castro*, poderiam refletir meras memórias evocativas da sua imponente muralha (Mariani, *ibidem*).

Em data talvez anterior a 1173 (Backmund, 1959, p. 421) ter-se-á fundado no interior da muralha de Vandoma o eremitério de Santa Eulália de *Bendoma*, que em finais desse século terá passado à disciplina premonstratense (Mattoso, 2002, pp. 52, 130). A história e a regra deste pequeno cenóbio são obscuras (Backmund, 1959), mas terá recebido carta de couto de D. Afonso Henriques, como testemunham as Inquirições de 1258 (*PMH – Inq*., p. 573; Mattoso, 2006, p. 91), e foi contemplado no testamento do bispo do Porto, D. Fernando Martins, em 1186 (*Censual*, 1924, p. 388), tendo estado ativo, aparentemente, até 1570 (Mattoso, 2002, p. 130). Toponimicamente, o termo *Couto* permaneceu em uso muito tempo para designar a parte mais alta da freguesia de Vandoma, que correspondia a todos os lugares à volta da "Serra do Muro", perpetuando a terra privilegiada do mosteiro de Vandoma (Barreiro, 1922, p. 533).

Vestígios arqueológicos do Mosteiro de Vandoma, conservam-se na chã planáltica de Passais, um pequeno lugar com algumas habitações junto a terrenos férteis, onde um vetusto cruzeiro assinala o local do antigo templo. A tradição oral relata o aparecimento de sepulturas e ossadas nas proximidades (Barreiro, 1922, p. 543) e Ferreira de Almeida identificou ali "restos de túmulos medievais", uma cabeceira de sepultura e vestígios arquitetónicos da antiga igreja, designadamente duas aduelas de arco, que desenhou, propondo que pudessem corresponder a um edifício "em românico tardio, da segunda parte do século XIII" (Almeida, 1980, p. 16).

Uma sondagem arqueológica de minimização do impacte de uma obra de construção neste lugar, dirigida por um dos signatários (M.A.S.) em 2006, não identificou vestígios arqueológicos (Silva, 2006), mas em trabalhos de reconhecimento feitos pelos serviços municipais de arqueologia recolheu-se a cabeceira noticiada por aquele investigador, uma peça em granito, de configuração circular, com 57 cm de altura por 35 cm de largura, com uma cruz gravada numa das faces e tendo na outra marcas arqueadas, esculpidas em relevo, de difícil interpretação devido ao desgaste[12]. Acautelou-se, ainda, uma outra pedra lavrada, de configuração oblonga, decorada no topo com dois círculos concêntricos esculpidos, cuja face decorada mede 20 x 16 cm e foi também identificado um sarcófago monolítico, servindo atualmente como floreira, porventura correspondendo aos túmulos observados há quarenta anos (Figura 6).

O monte do Muro é serpenteado por vários caminhos, abertos ao longo dos tempos para serventia dos proprietários, designadamente para acesso a matos e lenha. Não é fácil situar no tempo a abertura desses caminhos, alguns de calçada lajeada e atualmente abandonados, destacando-se um troço de calçada na vertente sul e outro do lado nascente, que passa junto a uma grande cruz gravada no afloramento rochoso.

No ano de 1940, a população da freguesia de Baltar construiu um "Cruzeiro da Independência", inserido no Plano Nacional dos Centenários, tendo sido argumentado em reunião de Câmara, como justificação para a iniciativa, que o local "possue as ruínas do antigo castelo da mouraria e foi teatro do grande heroísmo cristão no principio da nossa nacionalidade" e é o ponto mais alto do concelho, com horizontes vastíssimos que se estendem até ao mar (ata de 30.4.1940, *apud* Silva, 2009). A base deste cruzeiro, voltado para Baltar, assenta, infelizmente, sobre o lado sul da muralha, circunstância que, naturalmente, não foi valorizada na altura, mas é curioso registar que desde então, no espaço de menos de duas gerações, aquele relevo passou também a ser conhecido como Serra ou Monte do Cruzeiro, o que é ilustrativo das dinâmicas microtoponímicas.

## 7. A *MURALHA* DO MONTE DO MURO

Se bem que um número crescente de elementos arqueológicos permita já uma primeira aproximação à *biografia* deste sítio arqueológico, como pode apreciar-se do exposto, a extensa linha fortificada que o caracteriza é o seu maior referente e justifica discussão própria. A muralha desenvolve-se num circuito irregular, ajustando-se ao terreno, à cota média de 450 m. Tem um perímetro de 3 927 m e delimita uma superfície de 62 ha[13] (Fig. 2), área murada para

12. Peça que nos foi gentilmente cedida por António Sousa, o que cumpre agradecer.

13. Levantamento topográfico realizado pelo Município de Paredes no ano de 2000.

a qual não encontramos paralelo, designadamente nos recintos proto-históricos do noroeste. O aro fortificado envolve uma elevação de maior altitude, identificada como *Facho*, e a plataforma de terrenos agrícolas do lugar de Passais, onde esteve o mosteiro medieval.

Embora se detetem tramos com diferenças construtivas (e provavelmente distintas cronologias), a muralha corresponde, no geral, a uma estrutura de dupla face, constituída pela acumulação, a seco, de blocos graníticos de grandes dimensões, sendo o miolo preenchido por sedimentos arenosos e calhaus (Figura 7). A largura do muro oscila entre 3,5 a 4 m de largura, observando-se do lado sul, saliências ou reforços exteriores, retangulares, com 0,40 m de espessura por cerca de 5 m de comprimento. Encontrando-se menos visível em alguns panos, a estrutura encontra-se conservada, em alguns troços, com um alçado que ronda os 2 m.

Referenciada já em 1758 pelos vestígios e alicerces de uma muralha com dezasseis palmos de largo (Capela, 2009, p. 508) mencionada por Pinho Leal (1873, p. 315) como uma estrutura fechada, "à roda de todo o monte", as origens e a cronologia desta fortificação não suscitaram qualquer contributo relevante ao longo da maior parte do século XX, para além da vaga tradição etnográfica que atribuía aos "mouros" a sua edificação (Barreiro, 1922, p. 228). Este autor, aliás, relaciona mesmo, hipoteticamente, com a construção da fortaleza a informação de um habitante local, segundo a qual, "ao pé da muralha arqueológica de Vandoma apareceu há muitos anos um marrão de aço, que pesa dez kilos (…) e um pico, já rombo" (Barreiro, 1924, p. 696).

Como se disse, a popularização do Castro do Muro na literatura arqueológica deve-se inicialmente a José da Silva (1963 e 1966). No primeiro texto aquele autor designa-o como "recinto fortificado" de Baltar (decorrente do sector pelo qual acedeu ao monte), destaca a ampla visibilidade que dele se obtém para uma vastíssima região envolvente (1963, p. 129) e assinala também a sua importância como referente geográfico na documentação medieval. Descreve com precisão a estrutura da muralha, que mede em 4 300 m de perímetro, assinalando no seu interior "muralhas secundárias, a pouca distância da principal" e "vestígios de construções retangulares", para além de um caminho de acesso que penetrava no interior do recinto e outras "muralhas secundárias" no exterior, por vezes articuladas com afloramentos rochosos, sugerindo uma espécie de "fortins" (1963, pp. 128-9).

Voltando ao assunto, J. Silva acrescenta outros dados de interesse sobre a Vandoma, nomeadamente acerca das referidas "construções dispersas de planta retangular", normalmente de um só compartimento e com áreas variáveis entre os 24 e os 84 m² (Silva, 1966, p. 521); e a propósito de um determinado trecho da muralha, no qual, diferentemente dos restantes, observou um "muro encostado ao terreno, de uma só cara, como os socalcos que marginam tantos campos do Minho" (1966, p. 528). Acaba mesmo por elaborar uma tipologia de muralhas, por comparação com sítios que entende como análogos (*Idem*, pp. 528-9).

Passadas seis décadas destas observações, é difícil repetir o percurso e as impressões deste autor, tanto mais que a florestação, a exploração de pedra e outras ações alteraram a superfície do monte, mas reconhecem-se, nomeadamente no lado norte do monte do Facho, indícios de taludes defensivos e alguns vestígios das "construções retangulares" apontadas por J. Silva, evidências que requerem trabalhos de limpeza e levantamento que ainda não houve ocasião de promover.

Por outro lado, um dos aspetos em que os trabalhos de J. Silva foram pioneiros foi precisamente o de identificar um conjunto de recintos fortificados do norte do país com algumas semelhanças entre si, como circuitos de grande extensão, situados, normalmente, em pontos de passagem ou de grande dominância visual e não apresentarem, habitualmente, características ou achados que permitam enquadra-los nos grandes castros ou citânias da Idade do Ferro do noroeste (Silva, 1963; 1966). Não obstante reconhecer que em Vandoma, como nos outros sítios que lhe aparenta, não "se encontrarem os conhecidos vestígios típicos dos castros" e que "a importância do *mons Benidoma* residia apenas na função atribuída ao singular conjunto das suas muralhas" (Silva, 1963, p. 127), o autor atribui a construção destas fortificações à Idade do Ferro, como "redutos de recurso" regionais, ou "capitais militares de uma tribo" (*Idem*, p. 133), questionando-se mesmo se o recinto de Baltar não teria sido "o centro defensivo dos Calaicos e a base da sua resistência aos Romanos" (Silva, 1966, p. 524), admitindo, todavia, a sua reutilização posterior como fortificação medieval (*Idem*, p. 525).

A classificação do Muro de Vandoma como "recinto

defensivo" encontra eco em Ferreira de Almeida, o qual, admitindo uma ocupação castreja prévia, entendia que a muralha (em cujo miolo encontrou um fragmento de *tegula* tardia) "tem todo o aspecto de alti-medieval", sendo porventura uma "muralha de tipo barragem", destinada a controlar a passagem na portela de Baltar e a servir de local refúgio das populações em tempos de guerra (1980, pp. 16-7), exemplificando assim um tipo de fortificações anteriores ao século XI com paralelos no ocidente europeu (Almeida, 1992, p. 375). Não é este o local para discutir o tema, que conta com importantes contributos recentes, na mesma linha interpretativa, quer para o norte de Portugal (Lima, 2008, p. 187; 2013, p. 191; Mariani, 2020b, pp. 210-2), quer para a Galiza (Sánchez Pardo, 2012).

Por fim, a coincidência de se encontrarem reunidos no monte do Muro os microtopónimos *Penedo das Audiências* (Almeida, 1980, p. 17), convocando, de certa forma, a memória de estruturas de poder e de articulação sociopolítica; e *Facho*, remetendo seguramente para estruturas de comunicação de carácter militar (Lima, 1993, pp. 224-7; Sanchez Pardo, 2014) acentua este horizonte de ocupação tardo-antigo ou altimedieval, sem prejuízo das documentadas ocupações anteriores.

Na verdade, ainda que as modalidades de ocupação do sítio durante o Bronze Final e a Idade do Ferro nos sejam ainda desconhecidas, parece plausível a existência de estruturas de delimitação, fossem essencialmente em terra, como sugeriu Ferreira de Almeida, fossem já petrificadas. Mas a tal informação só poderá chegar-se, como também advertiu o mesmo investigador, com levantamentos e análises mais minuciosas e, designadamente, com sondagens arqueológicas em áreas estratégicas para o efeito.

## 8. NOTA FINAL

Com este ensaio de revisão historiográfica e notícia de achados arqueológicos relevantes – traduzidos por um primeiro esboço da *biografia* do sítio nas suas dinâmicas temporais e multifuncionais – quisemos recolocar na agenda de investigação uma estação arqueológica de enorme potencial para o estudo do povoamento, ao longo de milénios, a uma escala regional e suprarregional, tal como o sugerem os artefactos e estruturas elencados e a opinião dos estudiosos que sobre ela se pronunciaram.

Do ponto de vista patrimonial, constitui igualmente o *Muro* de Vandoma e Baltar um recurso potencial e expectante, nem sempre tão salvaguardado como deveria, pese embora o seu estatuto de imóvel arqueológico classificado. Na verdade, melhor se protege o que melhor se conhece; e o Castro do Muro aguarda que um programa de investigação, planeado e sustentado, ilumine os seus muitos *segredos* e o acorde do silêncio da terra e das penedias para lhe garantir, como justifica, lugar de maior destaque na história e no património cultural dos nossos tempos e das gerações futuras.

## BIBLIOGRAFIA


ALMAGRO-GORBEA, Martin (1977) – *El bronce final y el período orientalizante en Extremadura*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira (1978) – *Castelologia medieval de Entre-Douro-e-Minho. Desde as origens a 1220*. Dissertação complementar de doutoramento apresentada à Fac. de Letras da Universidade do Porto.

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira (1980) – Os castelos de Aguiar de Sousa e de Vandoma/Baltar. O Concelho de Paredes – Boletim municipal, 3. Paredes, p. 15-17.

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira (1992) – Castelos medievais do Noroeste de Portugal. In *Finis Terrae. Estudios en lembranza do Prof. Dr. Alberto Balil*. Santiago de Compostela: Univ. Santiago, p. 371-85.

BACKMUND, Norbert (1959) – Les origines de l'Ordre de Prémontré au Portugal. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, 22 (3-4). Porto, p. 416-41.

BARREIRO, José do (1922) – *Monografia de Paredes*. Porto: Tipografia de Laura Couto & Pinto.

BARREIRO, José do (1924) – *Monografia de Paredes. Vol. 2. Correções e acrescentos*. Porto: Tipografia de Laura Couto & Pinto.

BARROCA, Mário J. (2004) – Fortificações e Povoamento no Norte de Portugal (Séc. IX a XI). *Portugalia*. Nova Série. 25. Porto, p. 181-203.

BARROCA, Mário J. (2017) – *Prope litore maris*. O sistema defensivo da orla litoral da Diocese do Porto (Séc. IX a XII). In: AMARAL, Luis C. (coord) – *Um poder entre poderes. Nos 900 anos da restauração da Diocese do Porto e da construção do Cabido Portucalense*. Porto: Cabido Portucalense; Universidade Católica Portuguesa, p. 199-243.

BETTENCOURT, Ana M. S. (1999) – *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, 5 vols.

BETTENCOURT, Ana M. S. (2000a) – *O povoado de S. Julião, Vila Verde, Norte de Portugal, na Idade do Bronze e na*

*Transição para a Idade do Ferro*, Cadernos de Arqueologia – Monografias 10. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

BETTENCOURT, Ana M. S. (2000b) – *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da bacia do Cávado (Norte de Portugal),* Cadernos de Arqueologia – Monografias 11. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

BETTENCOURT, Ana M. S. (2001) – O povoado da Santinha, Amares, Norte de Portugal, nos finais da Idade do Bronze. Cadernos de Arqueologia – Monografias 12. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

BETTENCOURT, Ana M. S. (2005) – O que aconteceu às populações do Bronze Final do Noroeste de Portugal, no segundo quartel do I milénio AC, e quando começou, afinal, a Idade do Ferro? *Actas Colóquio Internacional. Castro, um lugar para habitar*, Cadernos do Museu 11. Penafiel: Câmara Municipal: 25-40.

BETTENCOURT, Ana M. S. (2013a) – *A Pré-história do Noroeste de Portugal /The Prehistory of North-western Portugal.* [Oosterbeek, Luiz, dir. – Territórios da Pré-História em Portugal, 2]. Tomar; Braga: CEIPHAR; CITCEM.

BETTENCOURT, Ana M. S. (2013b) – O Bronze Final no Noroeste português. Uma rede complexa de lugares, memórias e ações. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 20: 157-172.

BOTTAINI, Carlo; RODRIGUES, Alexandre (2011) – O conjunto de metais da Idade do Bronze de Vila Cova de Perrinho (Vale de Cambra, Portugal central) 50 anos após a sua descoberta. *Estrat Critic. Revista d'Arqueologia*, 5 (3), Bellaterra, p. 103-14.

CALO LOURIDO, Francisco (1994) – *A Plástica da Cultura Castrexa Galego-Portuguesa*. La Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2 tomos.

CAPELA, José V.; MATOS, Henrique; BORRALHEIRO, Rogério (2009) – *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património.* [Colecção Portugal nas Memórias Paroquiais de 1758, 5]. Braga. *Censual do Cabido da Sé do Porto…* (1924). Porto: Imprensa Portuguesa.

*CIL: Corpus Inscriptionum Latinarum.* Vol. II: *Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlim, 1869.

COFFYN, André (1983) – La fin de l'Âge du Bronze dans le centre-Portugal. *O Arqueólogo Português*, 4ª série, 1. Lisboa, p. 169-96.

COFFYN, André (1985) – *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Paris: Diffusion de Boccard.

COUTO, Helena (1993) – *As mineralizações de Sb-Au da região Durico-Beirã*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

FERRER ALBELDA, Eduardo; GARCÍA FERNÁNDEZ, F.; GONZALEZ ACUÑA, D.; MUÑOZ GARCÍA, E.; MORO BERRAQUERO, F. (1997) – Dos notas sobre el depósito de la ría de Huelva. *Spal*, 6. Sevilha, p. 67-85. http://dx.doi.org/10.12795/spal.1997.i6.05

LEAL, Augusto S. A. B. de Pinho (1873) – *Portugal Antigo e Moderno. Dicionário Geographico, Estatístico, Chorographico…* Vol. I. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia.

LIMA, Alexandre; MATIAS RODRÍGUEZ, Roberto; FÉLIX, Natália; SILVA, Maria Antónia (2011) – A Mineração Romana de ouro no Município de Paredes: o exemplo da Serra de Santa Iria e Serra das Banjas. In BATATA, Carlos (ed.) – *Actas do VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu*. Abrantes, p. 125-42.

LIMA, António M. C. (1993) – *Castelos Medievais do Curso Terminal do Douro (Séc. IX-XII)*. Porto: Faculdade de Letras. 2 vols. Dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

LIMA, António M. C. (2004) – Arouca medieval: uma abordagem arqueológica. In SILVA, António Manuel S. P. [coord.] – *Memórias da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca*. Arouca: Câmara Municipal, p. 306-35.

LIMA, António M. C. (2008) – A importância estratégica do vale do Sousa na "Reconquista": propostas para uma nova leitura das fontes documentais e dos dados arqueológicos. *Oppidum*, nº especial. Lousada, p. 185-194.

LIMA, António M. C. (2013) – Fortificações e vias de comunicação no curso terminal do Douro (Séculos IX – XI). In FERNANDES, Isabel C. (coord.) – Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb – Séculos VI a XVI, Lisboa, Edições Colibri – Campo Arqueológico de Mértola, p. 183-198.

MARIANI, Andrea (2020a) – Terminology on defensive structures in Portuguese medieval documents: elements for a comparative approach to the case of the Diocese of Oporto (11th-12th century). In *Juvenes: the Middle Ages seen by young researchers*. Évora: CIDEHUS. https://doi.org/10.4000/books.cidehus.9672

MARIANI, Andrea (2020b) – *Le strutture fortificate medieval nel territorio della Diocesi di Porto (Nord del Portogallo) e della Brianza (Nord Italia): uno studio comparativo (IX--XII secolo)*. Tese de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

MARQUES, André Evangelista (2008) – *O Casal, uma unidade de organização social do espaço no Entre-Douro-e-Lima (906-1200)*. Noia: Toxosoutos.

MARTINS, M. M. R. (1988) – *A Citânia de S. Julião, Vila Verde, Cadernos* de Arqueologia – Monografias 2. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

MARTINS, M. M. R. (1989) – *O castro do Barbudo, Vila Verde. Resultado das campanhas realizadas entre 1981-1985*, Cadernos de Arqueologia – Monografias 3. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

MATTOSO, José (2002 [1968]) – *O Monaquismo ibérico e Cluny* [Obras completas, 12]. Lisboa: Círculo de Leitores.

MATTOSO, José (2006) – *D. Afonso Henriques*. Lisboa: Círculo de Leitores.

MEDEIROS, Artur C., PEREIRA, Eurico, MOREIRA, Armando (1980) – *Notícia explicativa da folha 9 – D (Carta Geológica de Portugal escala 1:50 000 – Penafiel)*. Lisboa: Direcção Geral de Geologia e Minas, Serviços Geológicos de Portugal.

PEÑA SANTOS, António de la (1988) – Metalurgia galaica de la transición Bronce-Hierro: el Castro de Terroso. *Espacio, Tiempo y Forma*. Serie I, Prehistoria, 1, Madrid, p. 339-60.

PEÑA SANTOS, António de la (1992) – *Castro de Torroso (Mos, Pontevedra): Síntesis de las memorias de las campañas de excavaciones 1984-1990*. S.l.: Xunta de Galicia.

PEREIRA, Gabriel R. (2006) – *Projecto de expansão do Parque Empresarial. Paredes. Estudo de Impacte Ambiental*. Porto: Clepsidra, Arqueologia. Relatório policop.

PONTE, Salete da (2006) – Corpus signorum *das fibulas proto-históricas e romanas de Portugal.* Casal de Cambra: Caleidoscópio.

*Portugaliae Monumenta Historica... Inquisitiones*. Vol. I, fasc. IV-V. Lisboa, 1897.

QUEIROGA, Francisco R. (2003) – *War and castros. New approaches to the northwestern portuguese Iron Age*. Oxford: Archaeopress (BAR Int. Series 1198).

REDENTOR, Armando (2011) – *A cultura epigráfica no Conventus Bracaraugustanus (Pars Occidentalis). Percursos pela sociedade brácara da época romana*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2 vols.

REPREZAS, Jessica L. (2010) – *A cerâmica decorada do Mundo Baiões/Santa Luzia*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

ROVIRA, S. (1995) – Estudio arqueometalúrgico del depósito de la ría de Huelva. In RUIZ-GÁLVEZ, ed. – *Ritos de Paso y Puntos de Paso. La Ría de Huelva en el Mundo del Bronce Final Europeo*, Complutum 5, Madrid, p. 33-57.

RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, Marisa (1995) – Cronología de la ría de Huelva en el marco del bronce final de la Europa occidental. In RUIZ-GÁLVEZ, ed.- *Ritos de Paso y Puntos de Paso. La Ría de Huelva en el Mundo del Bronce Final Europeo* (Complutum, 5). Madrid, p. 79-83.

SANCHEZ PARDO, José C. (2012) – Castros, castillos y otras fortificaciones en el paisaje sociopolítico de Galicia (siglos IV-XI). In QUIRÓS CASTILLO, Juan; TEJADO SEBASTIÁN, José M. (eds.) – *Los castillos altomedievales en el noroeste de la Península Ibérica*. S.l.: Universidad del País Vasco, p. 29-55.

SANCHEZ PARDO, José C. (2014) – Sistemas de señales a larga distancia. Estudio de los topónimos 'faro', 'facho' y 'meda' en el noroeste peninsular. In CATALÁN, Raúl; FUENTES, Patricia; SASTRE, José C. (eds.) – *Las fortificaciones en la Tardoantigüedad*. Élites *y articulación del território (siglos V-VIII d.C.)*. Madrid: La Ergástula, p. 417-23.

SENNA-MARTINEZ, João C. (2013) – Aspectos do Centro-Norte do Ocidente Peninsular no Final da Idade do Bronze: Povoamento, Metalurgia e Sociedade. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 20. Oeiras, p. 173-90.

SILVA, Armando Coelho F. (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal; Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.

SILVA, Armando Coelho F. (2000) – Proto-história e romanização do Porto. *Al-madan*, 2ª s., 9. Almada, p. 94-103.

SILVA, Armando Coelho F. (2007) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª ed., rev. e atualizada. Paços de Ferreira: Câmara Municipal; Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.

SILVA, Armando Coelho F. (2011) – Museu Municipal de Penafiel, memória e identidade. *A fonte: fonte de estímulo intelectual*. 6. Porto: Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes, p. 20-5.

SILVA, Armando Coelho F. (2013) – A ocupação do espaço e a modelação da paisagem proto-histórica no norte de Portugal. *Brathair - Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, 13 (2). São Luís [Maranhão], p. 22-51. Disponível em http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/index

SILVA, José da (1963) – Os recintos fortificados de Baltar e do Montemuro. *Lucerna*. 3, Porto, p. 126-135.

SILVA, José da (1966) – Os recintos fortificados e a cultura castreja. Lucerna. 5. Porto. p. 519-525.

SILVA, Maria Antónia (1992) – A Necrópole de Vandoma – Concelho de Paredes. *Revista de Ciências Históricas*, 7. Porto, p. 7-14.

SILVA, Maria Antónia (2006) – *Trabalhos de minimização no Castro do Muro de Vandoma*. Paredes: Câmara Municipal. Relatório datilog.

SILVA, Maria Antónia (2009) – Cruzeiros da Independência: Testemunho histórico e religioso. In *Actas do Centenário do Nascimento de Monsenhor Moreira das Neves (1906-2006)*. Paredes: Câmara Municipal, p. 55-70.

SILVA, Maria Antónia; CASTRO, Fernando; BETTENCOURT, Ana M. S.; SILVA, António Manuel S. P.; MANTEIGA BREA, Alexandre (2018) – Archaeometalurgical analysis and archaeological contextualization of a bronze spearhead from Gralheira (Muro, Mountain Range, Baltar, Paredes, North Portugal). In HERNÁNDEZ GUTIÉRREZ, Noelia; LARRAZABAL GALARZA, Javier; PORTERO HERNÁNDEZ, R. (coord.) – *Arqueologia en el valle del Duero: del Paleolítico a la Edad Media 6 – Actas de las VI Jornadas de Arqueología del valle del Duero (Oporto, 2016)*. Valladolid: Glyphos Publicaciones, p. 204-13.

SILVA, Maria Antónia, FÉLIX, Natália (2008) – Mineração Romana no Concelho de Paredes. In *Actas do I Encontro de Arqueologia das Terras de Sousa*. ["Oppidum", Número especial]. Lousada: Câmara Municipal, p. 67-81.

SOEIRO, Teresa (1988-1989) – Contribuição para o inventário arqueológico do concelho de Paredes (Porto). *Portugalia*. Nova Série, 9-10. Porto, p. 109-10.

VASCONCELOS, J. Leite de (1905) – *Religiões da Lusitania, na parte que principalmente se refere a Portugal*. Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional.

VILAÇA, Raquel (1995) – *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Lisboa: Inst. Port. Património Arquitectónico e Arqueológico.

VILAÇA, Raquel (2007) – *Depósitos de bronze do território português: um debate em aberto*. 2ª ed. Coimbra: Instituto de Arqueologia.

VILAÇA, Raquel (2008) – *Através das Beiras. Pré-História e Proto-História*. Coimbra: Palimage.

Figura 1 – Vista panorâmica do Castro do Muro, a partir de sudeste (foto: Serviço de Arqueologia/Município de Paredes).

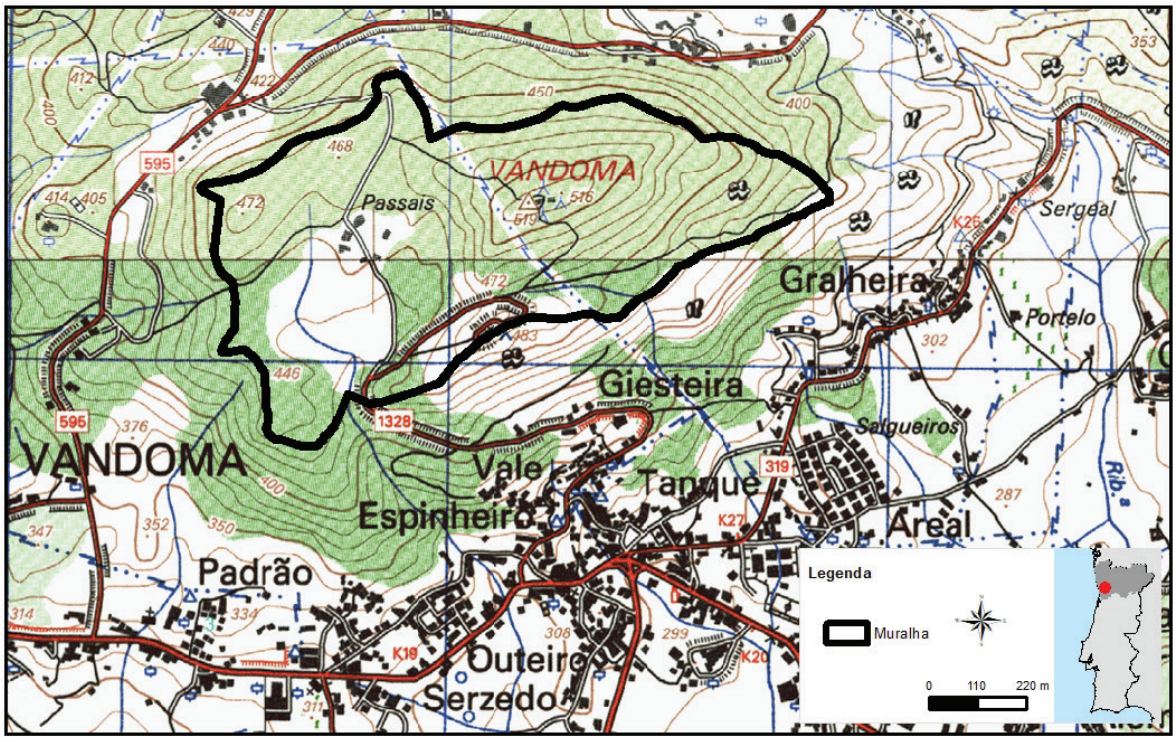



Figura 2 – Implantação do Castro do Muro, definido pelo perímetro amuralhado, sobre a Carta Militar, folhas 123 (Valongo) e 111 (Paços de Ferreira), escala 1/25000 (cartograma: Luís Carvalho, UPSIG – Município de Paredes).

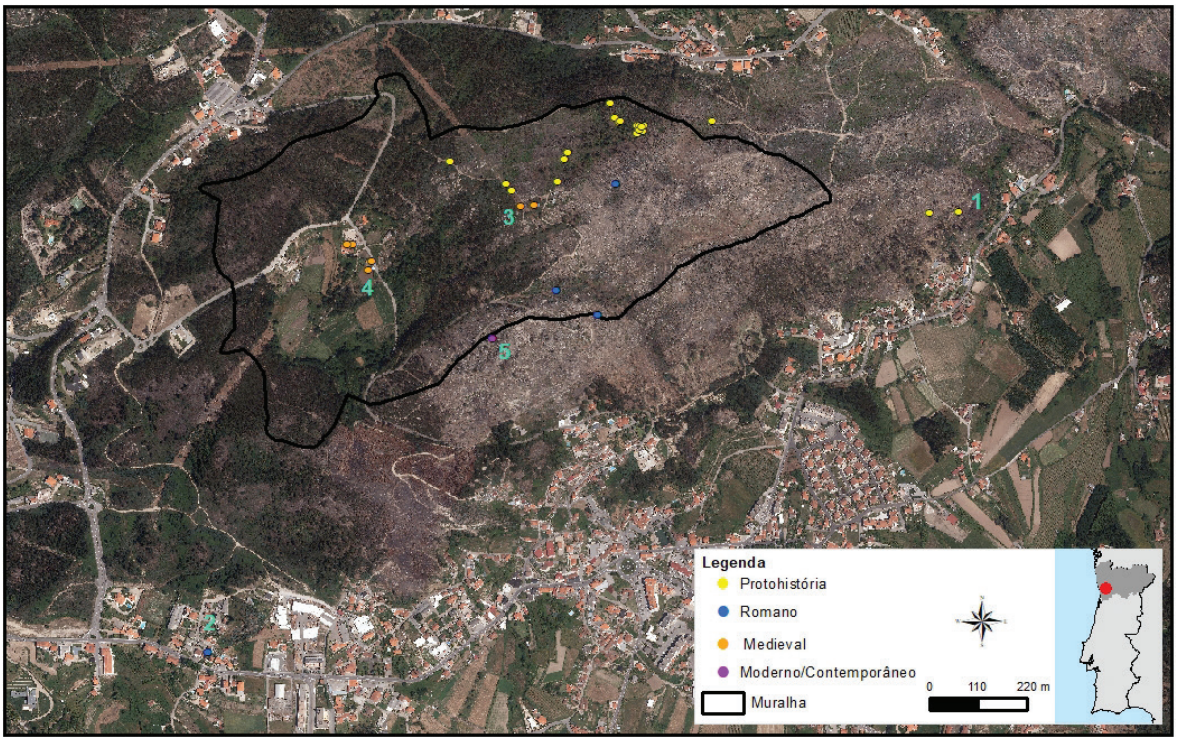



Figura 3 – Implantação do Castro do Muro, definido pelo perímetro amuralhado, sobre ortofotomapa, com localização de ocorrências arqueológicas: 1. Gravura rupestre; 2. Necrópole de Vandoma; 3. *Castelo*; 4. Mosteiro (Cruzeiro); 5. Cruzeiro da Independência. Dispersão de artefactos de superfície de acordo com a cronologia, conforme legenda (cartograma: Luís Carvalho, UPSIG – Município de Paredes).

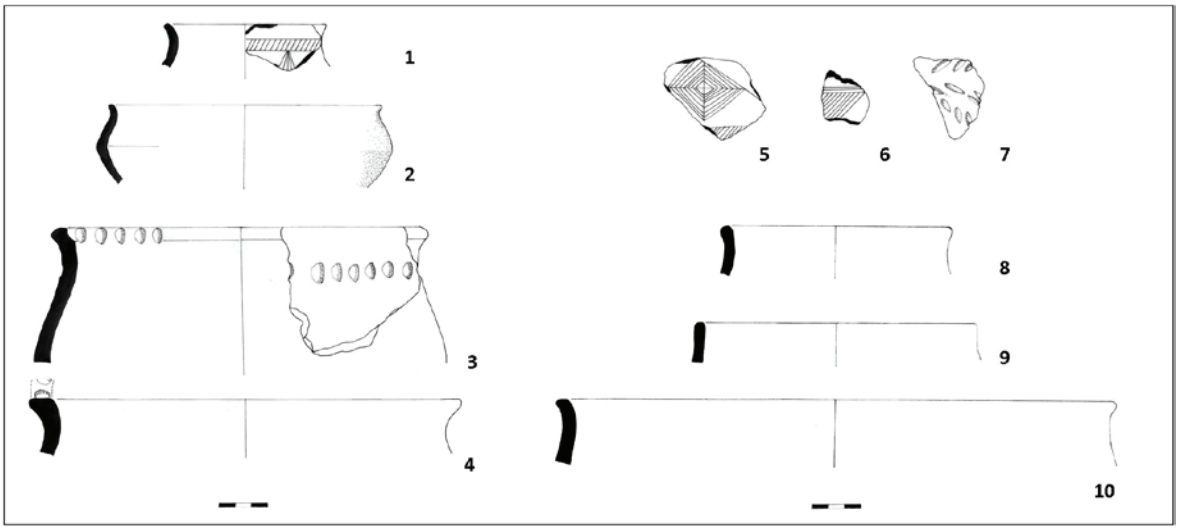



Figura 4 – Castro do Muro. Espólio cerâmico (desenho: Maria Antónia Silva; Serviço de Arqueologia/Município de Paredes).

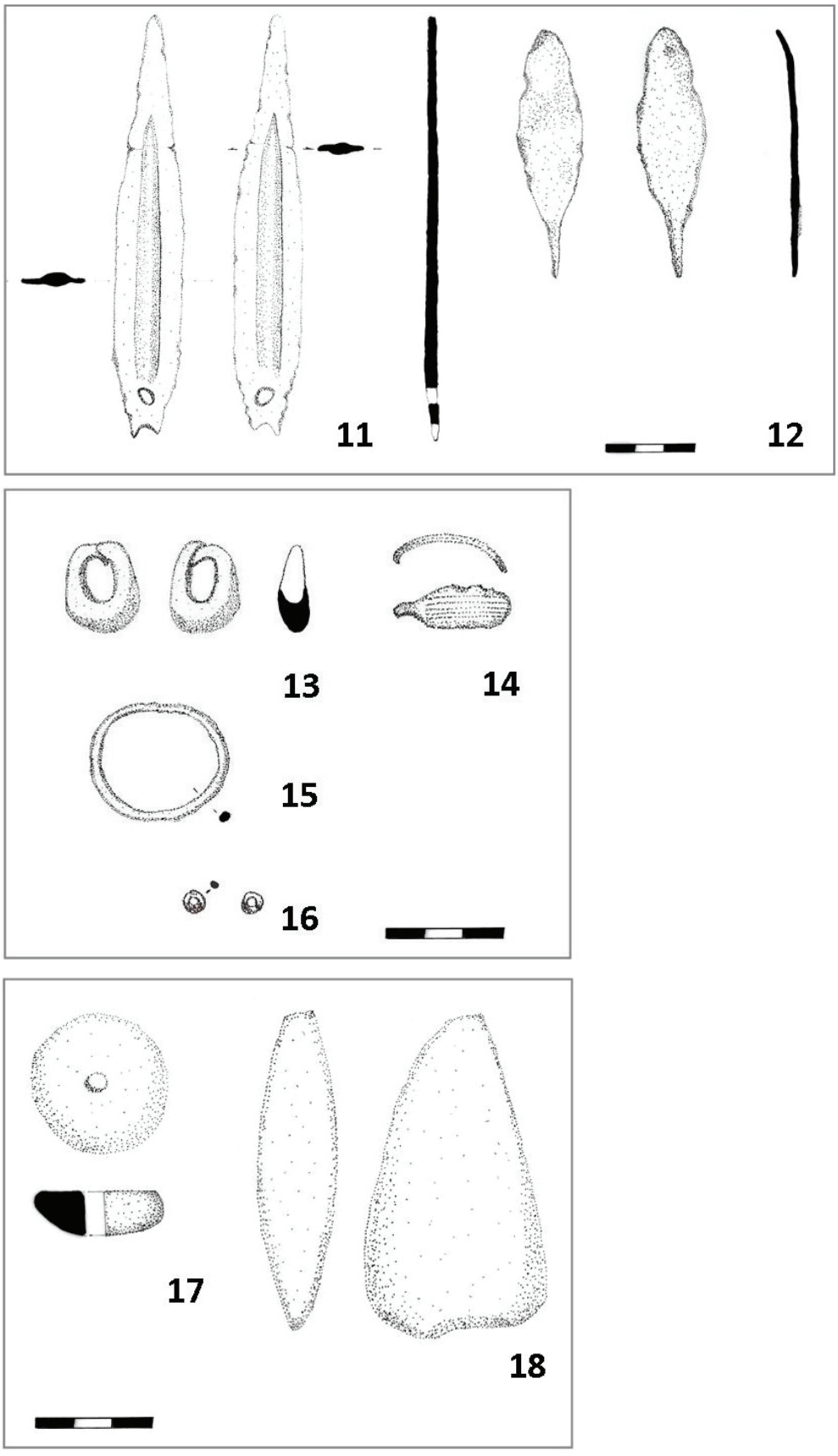



Figura 5 – Castro do Muro. Espólio metálico e lítico (desenho: Maria Antónia Silva; Serviço de Arqueologia/Município de Paredes).

Figura 6 – Castro do Muro. Elementos arquitetónicos e funerários medievais (fotos e montagem: Serviço de Arqueologia/Município de Paredes).

Figura 7 – Castro do Muro, aspeto da muralha (foto: Serviço de Arqueologia/Município de Paredes).

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

MAC MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO

CITCEM CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

U.PORTO FLUP FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

MUSEU ARQUEOLÓGICO

250 PENAFIEL 1770 - 2020